

Notas e Resenhas

EN SOUVENIR D'UN COURS DE "POST GRADO" DE RIO CLARO (SP)

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 37, n. 2, p. 335-341, mai./ago. 2012.

INTRODUÇÃO

O título desta nota refere-se às palavras gentilmente manifestadas pelo Professor Georges Bertrand, por meio de uma dedicatória escrita em seu livro, o qual se intitula "*Uma Geografia Transversal – e de Travessias (o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades)*" (BERTRAND e BERTRAND, 2009), traduzido para o idioma português pela coordenação do Professor Dr. Messias Modesto dos Passos. A valiosa oportunidade deste registro ocorrerá no anfiteatro do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP - *Campus de Rio Claro*, local onde ofereceu um curso ao longo das manhãs dos dias 13, 14 e 15 de setembro de 2010.

Professor Emérito da Université de Toulouse – Le Mirail/França, Georges Bertrand tem sua história acadêmica vinculada ao estudo, teórico e empírico, dos "geossistemas", influenciando a Ciência Geográfica, sobretudo a Geografia Física, desde meados da década de 1960. Em uma das publicações derivadas da notável pesquisa sobre as obras e história acadêmica do Geógrafo francês, o Professor Dr. Dante Flávio Reis Júnior (2007), argumenta a significância deste autor para a Geografia no processo de desenvolvimento e ocidentalização do "geossistema":

"É com este autor que surge, na cena ocidental, uma particular forma de entender o que seriam os "geossistemas". É com ele, pois, que se constitui uma pretensa teoria destas estruturas no âmbito da Geografia Física aquém-Sibéria. O valor de sua notável contribuição está, igualmente, no fato de Toulouse (cidade onde fez carreira) ter se tornado espécie de centro difusor do pensamento geossistêmico, chegando a merecer status de Escola. (REIS JÚNIOR, p.363, 2007).

Assim, este texto procura recordar e relatar brevemente, alguns conceitos trabalhados pelo Pesquisador em seu curso oferecido em Rio Claro, sem qualquer pretensão de esgotá-los. Tem por objetivo citar suas palavras-chaves, as quais foram atenciosamente anotadas por um de seus alunos em sala de aula naquelas manhãs de setembro, procurando relacioná-las e exemplificá-las com fragmentos do livro acima mencionado. Trata-se de uma grata lembrança de um curso de pós-graduação de Rio Claro.

O curso intitulado "Revolução Paisagística, Sistema GTP e Paradigma Geográfico", esteve subdividido em 3 grandes momentos, os quais foram assim chamados pelo Professor Bertrand: *o epistemológico e conceitual, a natureza e a paisagem*.

O EPISTEMOLÓGICO E CONCEITUAL: O SISTEMA GERAL DE REFERÊNCIA GEOSSISTEMA, TERRITÓRIO E PAISAGEM (GTP)

A retomada da histórica fragmentação do conhecimento científico e a necessidade de uma nova postura frente ao tratamento das questões ambientais deu início a esta etapa do curso, passando pela concepção cartesiana/mecanicista ao entendimento naturalista do meio, chegan-

do à concepção ecossistêmica e por aquelas derivadas da influência exercida pela teoria geral dos sistemas, em especial a teoria geossistêmica.

A concepção sistêmica é tratada como arcabouço de uma nova e evolutiva "visão de mundo", a qual trata o ambiente não apenas como fruto das relações materiais, mas também das relações imateriais entre o homem e a natureza. Trata-se de uma revolução onde o ambiente torna-se um problema de ordem política, econômica e social, e não meramente científica. O meio ambiente também deve ser compreendido pelo viés cultural, não devendo ser exclusivo ao tratamento das ciências, as quais necessariamente devem ser plurais. Nestes termos, o ambiente não pertence a uma disciplina, mas sim exige um trabalho interdisciplinar, partindo da totalidade para as partes.

Diante do entendimento de que "a utopia é necessária", argumenta o Pesquisador sobre a necessidade do pensamento complexo. Onde os sistemas são entendidos como vias científicas, com finalidades de organizar as conexões e estruturas do meio, os quais podem ser compreendidos por modelos de aproximação. É a tentativa da "organização da complicação". Trata-se de um novo paradigma, entendendo-o como um conjunto globalizador incluindo todos os elementos para uma investigação científica, considerando o ambiente, do ponto de vista analítico como um sistema aberto e do ponto de vista metodológico, como um sistema fechado.

No entanto, este paradigma enfrenta resistências, as quais foram tratadas como "obstáculos epistemológicos", a destacar:

- "o dualismo fundamental: *natureza X sociedade*" e seu reflexo no embate entre as ciências sociais e ciências naturais;
- "o dualismo: *objetivo X subjetivo*", destacando as dificuldades das percepções socioculturais;
- "o dualismo: *material X imaterial*", com a desvalorização do "mundo das idéias";
- "abarcар: *mundialização X globalização*", entendidos respectivamente como a diversidade e o intercâmbio.

Considerando a emergência e os obstáculos deste novo paradigma, propõe o Pesquisador um modelo de interpretação do ambiente entendido como um sistema geral de referência, com três entradas: o Geossistema (Source), o Território (Resource) e a Paisagem (Ressourcement) (GTP). Argumenta o autor que:

Escolhemos um caminho inverso para destacar que o meio ambiente e sua definição são os produtos flutuantes de uma história de mil facetas diacrônicas e sincrônicas. Esta diversidade é tão grande que escapa a todo conceito unívoco, que não consegue por si só, abarcar a totalidade de uma problemática ambiental em constante evolução.

Propomos, então, aprender os diversos tempos do meio ambiente através de um sistema multipolar de três entradas: o geossistema, o território, a paisagem (C. e G. Bertrand, 2000) [...].

A concordância e a discordância entre estes três tipos de tempos é um elemento essencial do funcionamento do meio ambiente (BERTRAND; BERTRAND, p. 325, 2009).

O sistema de referência GTP apresenta interdisciplinaridade epistemológica (transversalidade) e disciplinaridade metodológica, onde vários caminhos, ou vários sistemas, levam a um mesmo sentido: o meio ambiente. O modelo GTP compreende itinerários, metodologias ou subsistemas que se direcionam a interpretação do ambiente pelas vias da interdisciplinaridade, da complexidade e da diversidade. É um novo olhar sobre o meio ambiente (Figura 1).



Figura 1 - "Novas lentes para o ambiente"

A NATUREZA: O CONCEITO DE GEOSSISTEMA

Retomando os estudos integrados do território dos anos pós II guerra mundial (1950-1970) e a influência sistêmica, recorda as expedições científicas pragmáticas geossistêmicas da escola geográfica da antiga URSS e suas bases teóricas na escola germânica dos séculos XVIII e XIX, quanto ao conceito de *Landschaft*. Recorda que a Geografia, sobretudo no século XIX, já fora a ciência do estudo do meio, muito antes da estruturação do conceito "meio ambiente".

Levanta o nome do pesquisador Sochava, que assim como o próprio Bertrand, sistematizou e estruturou o conceito de "geossistema", o qual veio a influenciar e, ainda influencia, a Geografia brasileira. Para o Pesquisador, o "geossistema" de Sochava é compreendido como um conceito naturalista. Difere sua interpretação a do pesquisador soviético, com o argumento de que a leitura geossistêmica passa pela finalidade de compreensão do natural, porém sendo uma construção sócio-cultural, atribuindo a natureza em seu conjunto como antropizada.

Difere do conceito de ecossistema, pois este é desprovido de caráter espacial, além de ser uma concepção biológica onde o homem é externo e "biologizante". Em diferenciação frente ao ecossistema, o "geossistema" é entendido como um:

Conceito espacial, ele se materializa sobre o terreno por um mosaico de unidades homogêneas [...]

Conceito "naturalista", ele não privilegia os fatos biológicos e leva em conta o conjunto dos componentes do meio geográfico [...]

Conceito antrópico, ele integra os impactos das atividades humanas, sem que se possa por isso considerá-la como um conceito social (BERTRAND; BERTRAND, p. 309, 2009).

Recorda-se assim o conceito tradicional do "geossistema bertraniano": combinação dinâmica entre os elementos bióticos, abióticos e antrópicos. Um conceito espaço-temporal que define unidades corológicas, passíveis de serem cartografadas.

A dimensão espacial, com a entrada horizontal de grandezas escalares como geótopo, geofácies, geocomplexos, região natural, entre outras, bem como, com a entrada vertical, com geohorizontes.

Já a dimensão temporal, com a evolução histórica e fenológica. Argumentam os autores que:

[...] o escoamento do “tempo natural”, quer dizer, aquele dos funcionamentos físico-químicos e biológicos, é perturbado em suas velocidades, suas durações, seus ritmos, pelo conjunto das atividades humanas. O tempo global de uma mata alta é a combinação indissociável entre o tempo da silvôgenese e o tempo da “revolução da silvicultura”. Este tempo hibridizado é específico do meio ambiente global (BERTRAND; BERTRAND, p. 308, 2009).

Acrescenta-se ainda, quanto ao seu entendimento do geossistema, como um subsistema de um conjunto mais amplo, onde não é propriamente a representação da natureza, mas sim a representação científica da natureza, com três fundamentais condições:

- é um elemento do meio ambiente;
- é um conjunto sistêmico (global) e não a soma das partes;
- é artificializada com o impacto humano.

É a dimensão antrópica de um conceito naturalista, entendido como a “naturalidade” (Figura 2).



Figura 2 - “Geossistema: representação humana/científica da natureza”

A PAISAGEM: O REENCONTRO NECESSÁRIO COM A GEOGRAFIA

A avaliação da evolução histórica da paisagem e sua relação com a ciência geográfica foi pedra de toque das primeiras palavras do terceiro momento do curso. Para o Pesquisador, ainda nos dias atuais apenas temos uma “noção” do que venha a ser de fato a paisagem, sobretudo no que se refere ao seu conceito.

Sua relação com a Geografia e ciências afins, em encontros e abandonos ao longo do desenvolvimento científico, vem ocorrendo desde o renascimento eurocentrista e dos trabalhos

clássicos de “evocações poéticas” dos tempos de Humboldt. Sobre a Geografia em seu desentendimento com a paisagem, reforça que:

A paisagem e a geografia são consubstanciais e participam de uma mesma cultura clássica. Na verdade, elas não se uniram sempre e nunca chegaram a elaborar construções científicas coerentes. É o caso destas brilhantes introduções paisagísticas que enfeitam as grandes teses clássicas do século XIX sem realmente participar da demonstração científica. Durante os “Trinta Gloriosos”, a geografia, por um cuidado de cientificidade, dedicou-se à aridez economicista e materialista. A ruptura e geografia física e geografia humana acrescentada ao anulamento da geografia regional, praticamente eliminaram a paisagem não apenas do método, mas também do pensamento geográfico. É verdade que a análise da paisagem sobreviveu mais sob formas subalternas e, mais freqüentemente, arcaicas (BERTRAND; BERTRAND, p. 300, 2009).

Partindo da retomada geográfica com a paisagem e tentando sistematizar o conceito ainda pouco desenvolvido, compreende-a como a dimensão cultural do meio ambiente, com a entrada imaterial do ordenamento territorial. No processo de sua interpretação, dois elementos são fundamentais, considerando-a dialeticamente como objeto (como espaço ou porção do espaço geográfico) e como sujeito-observador (com cultura, com conhecimento, com projetos).

Propõe o conceito de “paisagem-território” ou “sistema paisagístico territorializado”, o qual é tratado como objeto geográfico territorializado, materializado, sendo diferente das paisagens estáticas dos pintores e dos poetas. É um sistema territorial de complexidade e diversidade, onde afloram as manifestações sócio-culturais. Representa elementos da natureza, porém não é entendida como a natureza, mas sim como a “naturalidade”.

Apresenta a paisagem um duplo processo: a antropização - o impacto material das sociedades sobre a natureza; e a socialização - a naturalidade humana. Argumentam Bertrand e Bertrand (p. 332, 2009):

Consideramos aqui que a paisagem é parte de um todo; este todo em amplo sentido. Assim concebida, a paisagem não é apenas a aparência das coisas, cenário ou vitrine. É também um espelho que as sociedades erguem para si mesmas e que reflete. Construção cultural e construção econômica misturadas. E sob a paisagem, há o território, sua organização espacial e seu funcionamento. O complexo territorial-paisagem é de alguma forma o meio ambiente no olhar dos homens, um meio ambiente com aparência humana.

A paisagem é vista como patrimônio natural, histórico, social, econômico, cultural, processual e dinâmico. É entendida como uma das entradas para leitura do ambiente, “como um dado e como uma dimensão do espaço geográfico no âmbito do paradigma GTP” (BERTRAND e BERTRAND, p. 334, 2009). Muito ainda pode ser desenvolvido com a retomada geográfica da paisagem, partindo das descrições monográficas às análises paisagísticas:

Tudo deve ser retomado da base. É claro que não se trata de inventar tudo. Por outro lado é preciso remodelar e hierarquizar para dar uma existência crível à paisagem, e trazer elementos indispensáveis para a gestão do meio ambiente e para o desenvolvimento dos territórios. Não apenas a questão de método. No começo, há a reflexão epistemológica, depois vem a teoria estreitamente associada à prática, em seguida o método combinado à tecnologia. Nós, então, escolhemos propor a elaboração, senão de um paradigma paisagístico, pelo menos de um paradigma ambiental que deixa lugar para a paisagem (BERTRAND; BERTRAND, p. 332, 2009).

Em passagem marcante fazendo uso da lousa, o Pesquisador desenha um iceberg para explicar as materialidades e as imaterialidades da paisagem. O material, o visível, pode ser visto na ponta do grande bloco de gelo, porém, existe a necessidade de entendermos aquilo que passa por trás do visível, contido nas materialidades e imaterialidades submersas do iceberg. Acrescenta-se ainda, que o iceberg modifica sua forma conforme diferentes condições temporais. Logo, ele é dinâmico, processual e complexo como um sistema paisagístico (Figura 3).



Figura 3 - "As materialidades e imaterialidades da paisagem (iceberg)"

CONSIDERAÇÕES FINAIS: "O OLHO DO ABUTRE"

Nos momentos finais do curso tomamos a liberdade de perguntar sobre o título do último capítulo do livro *"Uma Geografia Transversal – e de Travessias"*, nomeado por *"O olho do abutre"*, que chamara muito a atenção. Ao iniciar o texto são descritas as seguintes palavras:

Suspensão como se estivesse imóvel, alto no céu agitado, fragmento de vida entre os retalhos de nuvens que o vento desprende da abundância da parede de foinh sobre a alta cordilheira, o abutre perscruta em seu vôo imóvel a imensidão rugosa das cristas. Sua abóboda silenciosa desenha uma paisagem que é seu território: rochedos e lagos, florestas e estradas, rebanhos e cidades. O olho do abutre está à procura deste ínfimo e derradeiro fragmento de osso esmagado, concentrado e substancioso de mundo de passar (BERTRAND; BERTRAND, p. 346, 2009).

Em um gesto de abrir os braços ao imitar o abutre, o Professor transmite a necessidade da observação e leitura da totalidade, e posteriormente de seu interesse específico. Assim como o abutre, devemos abrir nosso arco de visão em busca de uma análise primeiramente global, para em seguida entendermos o específico no contexto do conjunto. Ao citarem M. Serres, argumentam os autores que "o global supera a soma dos locais" (BERTRAND; BERTRAND, p. 346, 2009).

Nestes termos, o sistema "tripolar" GTP não é unívoco. Quando estudado um subsistema, necessariamente devem-se estudar os outros subsistemas, para que se garanta sua finalidade maior: o ambiente (o todo), dentro de um contexto interdisciplinar. Fecha sua explanação indicando o sistema GTP como uma proposta, não exclusiva e exaurida, lançando aos estudantes a necessidade do "retorno do geográfico" e de "imaginarmos novos caminhos".

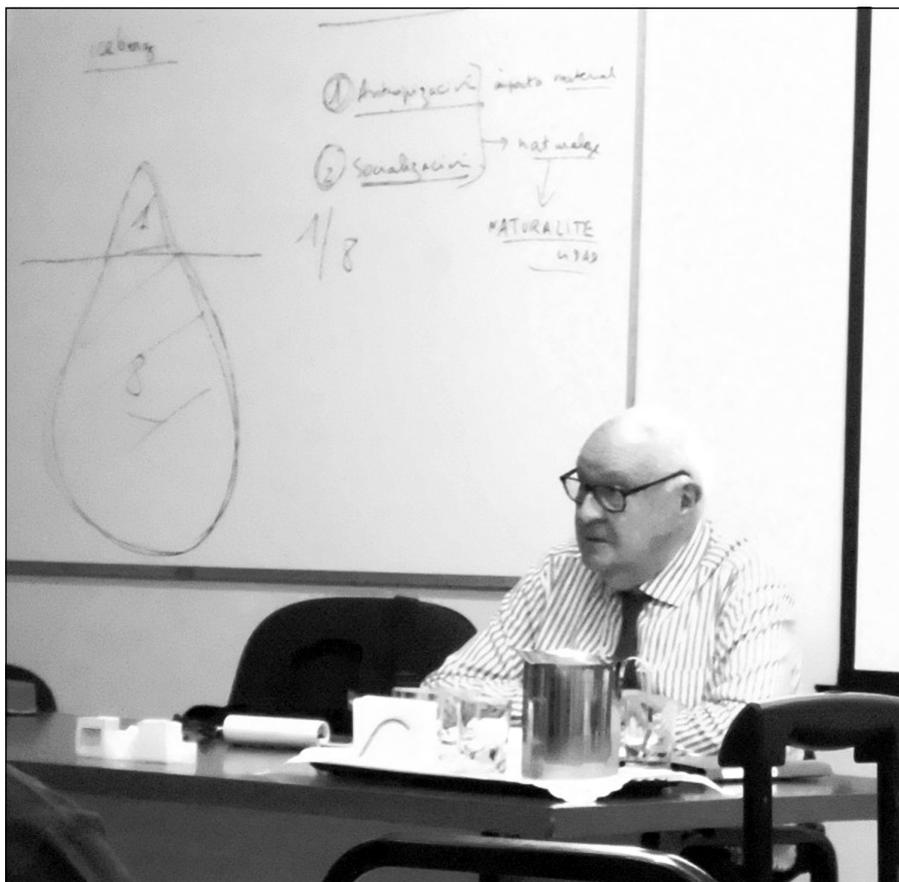


Figura 4 - Professor Georges Bertrand no anfiteatro do PPGG UNESP Rio Claro (15/09/10). Na lousa, representação do "iceberg"

Foto: Silveira (2010).

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, J.; BERTRAND, C. **Uma Geografia Transversal e de Travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Tradução: PASSOS, M.M.S. Maringá: Ed. Massoni, 2009.
- REIS JÚNIOR, D.F. História de um pensamento geográfico: Georges Bertrand. **Geografia**, v.32, n.2, p.363-390, 2007.

ALAN SILVEIRA

(Geógrafo e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP *campus de Rio Claro* - E-mail: silveira_81@yahoo.com.br)

